

# Rebelião no Traíra

# Na luta pelo ouro a resistência comandando o ideal

"Vou buscar esse colombiano!", decide Colmerino Ferreira do Nascimento ao ouvir o canto do mutum no outro lado do rio. Espingarda no ombro, o garimpeiro entra na canoa e atravessa o Traíra, num trecho com menos de trinta metros de largura. Minutos depois está de volta do território colombiano; com a caça abatida e é recebido com festa pelos companheiros. O fogo já está pronto para preparar o quebra-jejum.

Assim começa o dia no garimpo "Paranabala", onde 40 homens, duas mulheres e uma criança se revezam na cata ao ouro e na vigilância dos poucos acampamentos, dispostos a defender com a própria vida a terra que consideram sua. Localizado no pé de uma das serras do maciço do Traíra, o "Paranabala" vinha sendo explorado pela mineração "Rio Marmelo S/A", do grupo Paranapanema, que os garimpeiros chamam de "Paranaprolema". Mas, na manhã de 28 de abril, os "guaxebas" pistoleiros da mineradora, mateiros e índios por ela aliciados, foram apanhados de surpresa pelos garimpeiros e dominados sem que fosse necessário um único tiro.

A tomada do garimpo do Traíra foi um ato de vingança, orgulho e desespero ao mesmo tempo. Os garimpeiros, guiados pelo mineiro Osvaldo Leite Ribeiro, o "Mineirinho", viajaram pela mata durante 40 dias, arriscando tudo numa jornada cuja única certeza era o sacrifício. Mas, todos estavam conscientes das dificuldades. E elas foram superadas. Em alguns momentos surgiram situações de perigo que teriam feito desistir qualquer outro grupo que não possuísse a mesma determinação daqueles homens que voltavam para pegar o que era seu e vingar humilhações.

### "Guaxebas" odiados

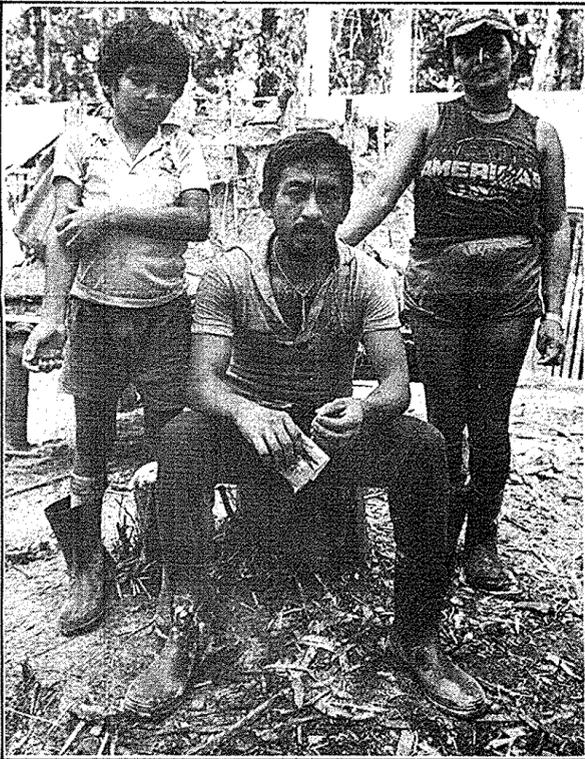
Durou cinco dias a tomada dos acampamentos e a expulsão do pessoal da mineradora. "Guaxeba" é o termo usado pelos garimpeiros para denominar os segurança da Paranapanema, por eles odiados. A maioria deles estava condenada à morte no plano inicial de retomada do Traíra, mas durante a jornada de 40 dias outras decisões foram tomadas. 80 homens, entre "guaxebas" e mateiros, além de 30 índios Tukano, foram colocados em barcos e mandados de volta para Vila Bittencourt e São Gabriel da Cachoeira. Alguns índios, amedrontados, sumiram no mato. Colmerino Ferreira do Nascimento, o caçador do mutum, é o "Paraná", que anotou num caderno tudo o que aconteceu na volta ao Traíra. No dia 2 de maio ele escreveu apenas o seguinte: "Já tomamos o que é nosso e só nos resta esperar o resultado, se vão nos deixar trabalhar. É só o que queremos".

Trabalho é o que não falta no garimpo "Paranabala". Os homens se dividem em grupos de segurança e de exploração nos baixões. A febre pelo ouro arde em cada um dos garimpeiros e seus olhos demonstram isso quando falam no assunto. Mas, a preocupação principal é com a permanência na área. Os garimpeiros sabem que os "guaxebas" vão voltar e possivelmente acompanhados dos "azulões", como eles chamam os soldados da Polícia Militar, também odiados pela violência que utilizaram quando em setembro do ano passado expulsaram os primeiros ocupantes do Traíra.

Em janeiro deste ano, quando os garimpeiros fizeram a primeira tentativa de retorno à área, a violência de "guaxebas" e policiais militares se repetiu: "Em setembro, fomos corridos na ponta da baloneta. Apenas com a roupa do corpo. Queimaram tudo o que a gente tinha e ainda obrigaram alguns a deixar os baixões preparados para a cata do ouro. Nos jogaram em Manacapuru entregues à própria sorte. Aqui mesmo, neste acampamento, dormimos no chão, tirando de frio, enquanto os cachorros dos "guaxebas" ocupavam nossas redes", contou



No Traíra, o povo que idealizou a "Vila União" toma as decisões em conjunto. Lá a democracia é total



Hildebrando, Alcimar e Maria Nogueira: 40 dias na selva atrás do direito de trabalhar. E agora?

"Paraná" quando a reportagem de A CRÍTICA esteve no Traíra.

"Paraná" também sabe que a Paranapanema já acionou a Justiça contra os garimpeiros e que o uso de força para retirá-los da área é praticamente certo. Por isso, com os companheiros, não descuidada da vigilância. Nas curvas do rio existe sempre um grupo armado e o mesmo acontece nas clareiras, onde o

posou de helicóptero é possível. A noite a segurança é redobrada.

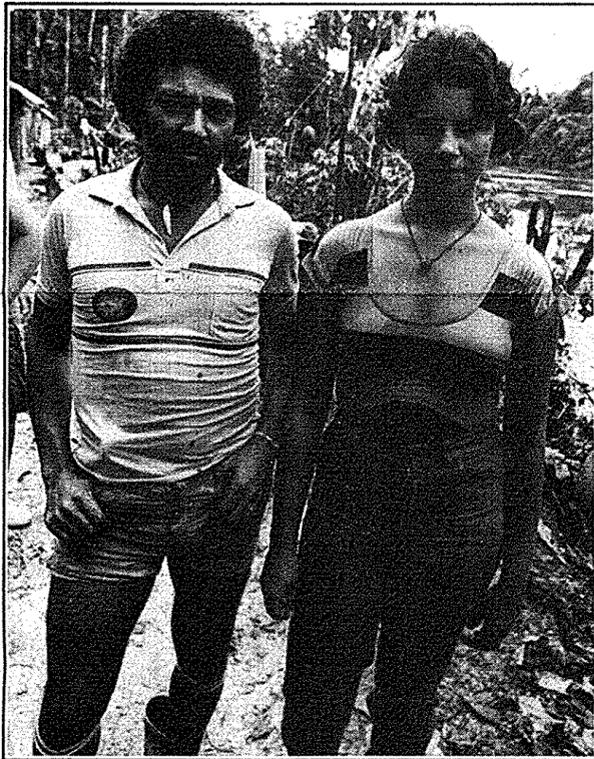
### Vila União

"Se nos deixarem trabalhar em paz ainda vamos jogar máquinas aqui dentro. Existe ouro para todo tipo de extração e conhecemos nosso serviço. Com balsas e equipamentos apropriados a retirada do ouro do fundo do Traíra virá uma brincadeira", garante José Raimundo Pimenta, o "Maranhão". Após ser expulso do garimpo, em setembro do ano passado, ele esteve nas redações dos jornais de Manaus denunciando a violência de que foi vítima. Não conseguiu muita coisa, como afirma, e resolveu vender tudo o que possuía para voltar.

Apesar da ameaça da volta da Paranapanema, os garimpeiros não abandonaram os planos de permanecer para sempre no Traíra. "Isso aqui vai virar uma vila e vamos defender o que é nosso porque quem descobriu o ouro aqui fomos nós e a mineradora só veio em clima quando teve certeza disso. Já aconteceu aqui, em vários lugares. Vimos sendo empurrados pelas empresas, mas daqui não vamos passar. Chegamos na fronteira. Ali é a Colômbia e nós somos brasileiros", diz "Maranhão", apontando com o queixo o outro lado do Traíra.

O rio, correndo em ziguezague pela mata para juntar-se ao Aporris, já perto de Vila Bittencourt, traz o ouro das serras em suas águas amareladas. O fundo é bem arenoso e nas margens não é difícil garimpar. "Geraldão Doido", ou "Bororó", (não revela o nome verdadeiro), demonstra como é fácil. Ele está lavando louça e enfia a colher na areia, a menos de 1 metro da margem. Retira a colher com cuidado, coloca o material colhido na palma da mão e espalha com a outra, bem devagar. Surgem minúsculas lâminas amareladas. Ao sol elas brilham intensamente. É o ouro do Traíra. Motiva a luta dos garimpeiros e da colônia das mineradoras. Na futura Vila União, cada um dos habitantes vai ter muita coisa para contar, se ela chegar a existir, algum dia.

Toque feminino  
Em Vila Bittencourt e São Gabriel



"Boca Rica" e Zilene já estiveram em vários garimpos e querem ficar no Traíra, ou então sair com orgulho

da Cachoeira, onde as notícias sobre a situação no Traíra ainda chegam com dificuldades, ela recebeu o apelido de Maria Bonita, numa relação com a companheira de canoagem do legendário capitão Virgílio Ferreira, o "Lampião". Dizem que sabe atrair melhor do que muitos pistoleiros profissionais, ao que apenas admite: "Sei pegar numa arma desde que entrei para o garimpo, isso quando ainda era criança".

Maria Nogueira dos Santos tem agora 27 anos e não sabe dizer exatamente quando conheceu o garimpo. Nasceu em São Isabel do Rio Negro, abaixo de São Gabriel da Cachoeira e tem três companheiros importantes nessa tentativa de posse definitiva do Traíra: o filho, Hildebrando Santos da Silva; o marido, Alcimar Pereira Guimarães, e o irmão, Celestino Nogueira dos Santos.

## Serra do Traíra Paranapanema — Garimpo

ABERTA A

SR. OTÁVIO LACOMBE.

Podéria talvez, telefonicamente, mas para seu registro e arquivo, preferimos a forma de permanente memória que é a escrita.

Para sua informação pessoal, é de bom alvitre que saiba o que se segue:

1 — Não teve e nem tem em União nem tampouco a posse de seu presidente sr. José Altino Machado nenhuma influência sobre os acontecimentos da área do rio Traíra até que, convencido que fomos pela FUNAI para desistir participando como possíveis mediadores. O que fizemos, quando nossa presença permitiu o diálogo inicial.

2 — A surpresa que se estabeleceu no seio de sua empresa e nos demais interessados na questão foi a certeza que nosso ato saber do evento.

3 — Na presente fase em que a União procura produzir entendimento e níveis superiores com o objetivo de promover a eficaz distribuição de áreas mineralizadas, mais condizentes com a realidade geológica, com reconhecimento e segurança da classe garimpeira — como também levar segurança aos trabalhos por empresas autorizadas do setor, entendemos que foi inútil a hora e o meio escolhido por companheiros garimpeiros para um ato de desespero tentar prevalecer seus direitos.

4 — Embora na realidade do episódio, atribuíssemos a responsabilidade tão somente, à instabilidade política de sua empresa para adentrar a área no ano passado (85).

Tais acontecimentos que nos levam a nos divergência na construção do país não devem ser os motivos tomados por nenhuma das partes.

Não sabemos com precisão de existência ou não de irregularidades na ocupação em áreas mineralizadas e nem de conjeturas — O sr. construiu uma empresa e grande — hoje a entendemos e respeitamos como liderança no setor industrial mineiro. Seus negócios devem ser MANTIDOS, — mas evitando que eles possam causar mais danos e desrespeito a sociedade envolvente e a própria Amazônia como no passado.

No intuito de proporcionar o êxito, gostaríamos de fazê-lo cogitar bem sobre esta feita discussão que ora polêmica o setor. Jamais foi e nem é objetivo da União degradar-se politicamente ou violentamente com a ocupação Paranapanema — Afirmação para que??? Embora sejamos talvez apenas um forte fator limitativo de desastrosas ambições, que não sabemos se as tem, cons-

tantemente nos vemos acossados, discutidos e principalmente denegados e injuriados por elementos seus ou a si ligados.

A imprensa acusada a esta altura, é que isto ocorre mais a propósito alheio que a nós, inclusive o sr. Porque analisie o sr., o que sobra de tudo isto: — sua empresa tem desassossego, insegurança, atribuições perdidas com tais acontecimentos e ainda ganha, ali dito mercedosa ou infortunadamente, algo geral da consciência que lhe cerca. Inclusive a este momento, AMIGOS vão a companhia como pinhais para receber benefícios pela "ajuda" que prestam a ela numa hora de "dor" e dificuldades. E que amigos caros!!!

Para a garimpagem o que resta: a pocha de violência, desorganização e oopia mal feita do setor industrial, de não saber também recuperar as leis e direitos vigentes e julgados pelo Judiciário, evidentemente, já, assentados as questões jurídicas em seus certos lugares.

Apresentamos ainda um quadro de desconhecimento de nossa atividade, e mais, sabedores de suas fortes ligações com possíveis setores representativos seria de se esperar que desabasse sobre eles, garimpeiros, o seu peso com a consequente pulverização da intenção garimpadora.

E afinal quem ganhou? Talvez nem o próprio político que tocou o instigou tal confronto e agora se oculta nas sombras deixando a União com vergonha e com a obrigação, acorreada de seus custos, para assumir aquelas honras que foram ingenuamente utilizadas, aproveitando a indignação e a frustração de terem os seus legítimos direitos feridos ainda no ano próximo passado.

Afinal, com se demitiram sr. Lacombe, porque nos passos da área que visa tão somente assegurar a comunidade garimpadora as áreas que prontamente ocupam, e não as suas ou de outros, entendemos sempre a sua empresa como verdadeiro laço de chalará a proteger e também ataca por outros, que se abrigam atrás da única empresa brasileira de assessoria que é a sua? Não agradeço por favor.

Antes de si considerem-se burocráticos, irregulares, tráfico de influência, multilateralistas pouco honestos, criam uma caricatura que imaginamos nunca Paranapanema a eles estivessem ligados. Queremos crer que seu organismo esteja ficando negro pelas sanguessugas que lhe foram para dividir-nos, nós brasileiros, para resolver se mantermos ou não?

Ou será por que estamos em período eleitoral? Agora sr. Lacombe, nossa obrigação, por índole e por lei é prestar toda a assistência jurídica, social e defensiva a nosso time de desamparados, que a fonte e o material político levaram a tal situação.

Até não nos fermos.

a) União dos Sindicatos e Associações Garimpeiras da Amazônia Legal. JOSÉ ALTINO MACHADO

Morena, do tipo comum na região, Maria Nogueira está acostumada a andar no mato, mas adoeceu na viagem de São Gabriel da Cachoeira ao Traíra: "Passel ruim. Uma dor enorme na cabeça o tempo todo. Pensei em malária, mas agora estou melhor. Fiquei com vergonha por amolecer, pois meu filho, o Hildebrando, não deu nenhum trabalho na viagem. Parece até que ele nasceu foi mesmo no mato".

Maria não contou como o filho nasceu. Mas, Hildebrando, de 10 anos, não deve ser filho de Alcimar, que tem apenas 25 anos. O garoto é bem esperto e parece muito à vontade no "Paranabala". Andou o tempo todo na frente do grupo durante a caminhada pela selva. Enquanto a comissão de negociação discutia a retirada dos garimpeiros, Hildebrando pescava no Traíra e brincava com um tronco dentro d'água. Não quis muita conversa sobre a viagem no mato. Lembrou apenas que "o pessoal matou muita cobra no caminho" e achou "bacana" dois garimpeiros derrubarem uma árvore e fazer uma canoa "na hora". O remo foi feito de molongô.

O toque de beleza no Traíra está por conta de Zilene Fontenele da Silva, morena clara, alta, rosto bonito e corpo perfeito. Ela tem 25 anos e é mulher de Raimundo Nonato Nunes, o "Boca Rica". Nasceu em Itacatiara e conheceu "Boca Rica" em Nova Olinda do Norte. Isso em maio de 84. Já esteve nos garimpos "Abacaxi" e Amana, no município de Maués. Sobre a viagem de 40 dias, comentou apenas: "Graças a Deus já estamos aqui. A caminhada foi meio forçada, mas agora acredito que vamos conseguir nosso ideal, que é manter a posse do garimpo".

"Boca Rica" é paralbano e tem 35 anos. 19 de garimpo. Se gosta de Zilene não diz. Mas é respeitado e temido pelos outros garimpeiros. Embora não admita a condição, é um dos líderes no "Paranabala". Fala pouco e nas discussões com representantes da Paranapanema, do Governo do Estado, prefere apenas observar. É um dos que não concorda em sair com a polícia, garantindo que resiste na bala e mata muito "guaxeba" antes de morrer. Em último caso, volta com a mulher pelo mesmo caminho e vai procurar "um outro jeito na vida".

No "Paranabala" a democracia foi imposta pela necessidade e as decisões só são tomadas em conjunto. Existem os mais influentes, como "Mineirinho", "Maranhão", "Piauí", "Julinho", "Paraná" e o próprio "Boca Rica", mas nenhum admite liderar o grupo. "Não vamos ficar perdendo tempo com clumelras por causa do comando. Vimos até aqui, e vamos permanecer aqui para defender o direito de fazer o único trabalho que sabemos: andar no mato catando ouro. Na cidade vamos morrer de fome, roubar para sobreviver. E não somos criminosos. Temos orgulho, mas pouca gente acredita nisso. Queremos trabalhar em paz e as empresas não deixam. Nos perseguem, humilham e agredem. Tomam o que a gente consegue e isso com a cobertura de leis que não deveriam mais existir. Mas, agora estamos pensando diferente. O Traíra é nosso. Foi descoberto por um dos nossos e vamos ficar com ele. Se for preciso morrer, pelo Traíra morreremos, um por um, mas venderemos caro nossas vidas".

Esse desabafo foi feito por Colmerino Ferreira, o "Paraná", com intervenções, sempre no mesmo sentido, de Osvaldo Leite Ribeiro, o "Mineirinho", e Júlio Souza de Oliveira, o "Julinho", na reunião com o engenheiro Nelson Dornelles, representante da Paranapanema nas conversações da semana passada, no Traíra. O clima foi de tensão o tempo todo e alguns garimpeiros sempre empunhando armas, chegaram a planejar ficar com a colônia inteira como reféns, mas promessas de novas negociações evitaram o pior.

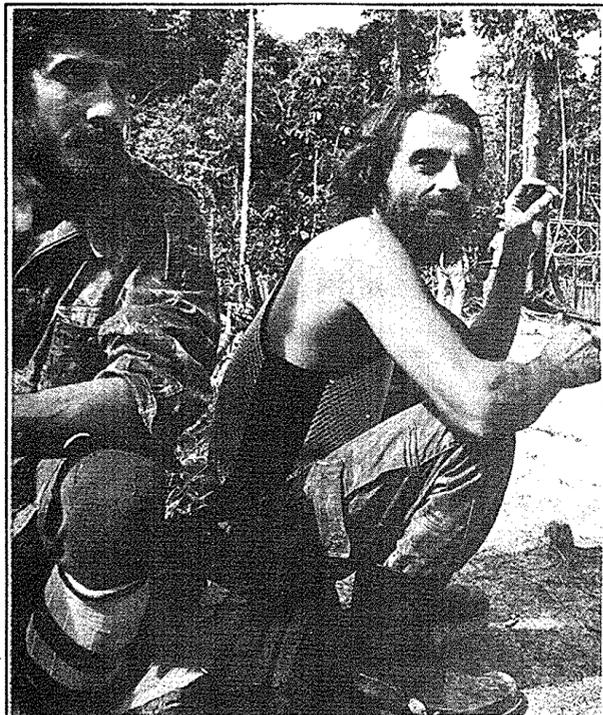
Na segunda reunião persistiu o impasse. O delegado Délio Gomes, responsável pelo inquérito para apurar a invasão, voltou do Traíra penalizado com o que viu. "O que estão fazendo com aquele povo é uma injustiça. Aquela gente é trabalhadora e só quer uma oportunidade de continuar vivendo em paz".

Délio voltou com uma certeza: os garimpeiros não vão se entregar. Estão dispostos a tudo, têm coragem e conhecimento suficiente da região para dar muito trabalho à polícia. A resistência já está decidida e o que pode acontecer em seguida depende de como as autoridades vão determinar a expulsão do grupo.

No meio da semana, o Juiz de Tefé concedeu mandato de reintegração da posse do Traíra à Paranapanema. 65 soldados da Polícia Militar com todo o aparato de uma operação antiterrorista, entrou na área com os oficiais de Justiça encarregados de cumprir a determinação judicial. As comunicações com os garimpeiros deixaram de existir e ninguém sabe com segurança o que está acontecendo lá dentro.

"O humano dorme, Deus não". Esta é outra das anotações no diário de "Paraná", feita quando os garimpeiros encontraram peixe em abundância depois de três dias de fome. Eles sempre disseram acreditar em Deus e na Justiça. Agora só têm Deus e ninguém sabe se a Vila União vai existir, ou não, algum dia.

Texto: Francisco Pacifico  
Fotos: Carlos Dias  
Transcrito do Jornal  
"A CRÍTICA" de 25.05.86.



"Mineirinho", de Uberlândia, não admite ser líder mas não se rende e promete lutar pelo que é seu